



A INDÚTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929

THE TEXTILE INDUSTRY IN SÃO PAULO, 1928-1937 – IN THE FACE OF THE 1929 GLOBAL CRISIS

LA INDUSTRIA TEXTIL EN SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE A LA CRISIS MUNDIAL DE 1929

Renan Magera Conceição¹

e112

<https://doi.org/10.47820/sol21.v1i1.2>

PUBLICADO: 9/2025

RESUMO

A indústria têxtil paulista, durante os anos de 1928-1937, constitui um importante capítulo da história econômica brasileira. O exame cuidadoso dos impactos da Grande Depressão sobre os diversos segmentos têxteis instalados no estado de São Paulo fornece notáveis lições acerca do processo de industrialização ocorrido no Brasil e suas dinâmicas internas. Este artigo buscou através de diversas fontes, analisar a real situação do setor têxtil paulista em face da Crise Mundial de 1929, acabando por inferir que os setores foram atingidos de maneira heterogênea e em diferentes fases.

PALAVRAS-CHAVE: Crise Mundial de 1929. Indústria Têxtil. São Paulo.

ABSTRACT

The São Paulo textile industry during the years of 1928-1937 is an important chapter of Brazilian economic history. A careful examination of the impacts of the Great Depression on the various textile segments installed in São Paulo provides remarkable lessons about the industrialization process occurred in Brazil and its internal dynamics. This study sought through various sources to analyze the real situation of the textile sector in face of the world crisis of 1929, eventually infer that the sectors have been hit unevenly and at different times.

KEYWORDS: World Crisis of 1929. Textile Industry. São Paulo.

RESUMEN

La industria textil paulista durante los años 1928-1937 constituye un capítulo importante de la historia económica brasileña. El examen cuidadoso de los impactos de la Gran Depresión sobre los diversos segmentos textiles instalados en el Estado de São Paulo proporciona notables lecciones acerca del proceso de industrialización ocurrido en Brasil y sus dinámicas internas. Este artículo buscó, a través de diversas fuentes, analizar la situación real del sector textil paulista frente a la Crisis Mundial de 1929, concluyendo que los sectores fueron afectados de manera heterogênea y en diferentes fases.

PALABRAS CLAVE: Crisis Mundial de 1929. Industria Têxtil. São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

O setor têxtil, em virtude da sua notável contribuição com o produto nacional, foi, durante o final do século XIX até meados do século XX, um dos mais proeminentes segmentos econômicos do país, prestando grande auxílio aos demais nichos mercadológicos, dado a sua

¹ Graduação em Interdisciplinar em Ciência e Economia. Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

adaptabilidade, fornecendo diversos tipos de tecidos e sacarias e servindo para a confecção de peças indumentárias e inúmeros artigos manufaturados.

O debate a respeito da indústria têxtil ocorre tendo como pano de fundo a Crise de 1929, que se originou nos Estados Unidos e atingiu diversos países. A dúvida versa sobre as consequências econômicas e as possíveis mudanças decorrentes da Crise; neste sentido, o trabalho objetiva contribuir através da análise da historiografia pregressa dos elementos estudados, com foco no intervalo de 1928 até 1937.

No aspecto quantitativo o estudo faz um resgate histórico, se valendo de números relativamente pouco divulgados sobre a indústria paulista, que buscam suprir a ausência do censo de 1930.

O trabalho também aborda, de maneira sucinta, as principais interpretações acerca da industrialização brasileira. Desse modo, tendo em vista a literatura e os dados disponíveis, é viável traçar um panorama geral que pode elucidar aspectos concernentes à forma como a Grande Depressão afetou o processo de industrialização no Brasil, e seus desdobramentos nos variados subsetores têxteis paulistas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Crise de 1929 e a grande depressão da década de 1930

O presente capítulo pretende abordar o período conhecido como Grande Depressão através da análise dos acontecimentos históricos que precederam os fatos, e expor as formas em que os processos econômicos gerados durante essa fase impactaram a economia brasileira, com ênfase no setor têxtil.

O Período subsequente à Primeira Guerra Mundial protagonizou uma significativa expansão da economia dos Estados Unidos. No período, os EUA eram os maiores produtores de aço, bens de capital, petróleo e carvão, concentrando 42% de toda produção industrial mundial¹, em 1929, segundo Hobsbawm (1995). Notadamente, o conflito encampado na Europa e suas consequências desestabilizadoras podem ter contribuído para esse arranjo².

Do ponto de vista econômico e social, o período se destaca pela transição, ou seja, a preocupação com a conflagração já não existia mais, inaugurando-se então, um período de paz,

¹ Ler: Era dos Extremos, *o Breve Século XX 1914-1991*.

² "longe de perturbar sua economia, a Primeira Guerra Mundial, como a Segunda, beneficiou-os espetacularmente. Em 1913, os EUA já se haviam tornado a maior economia do mundo, produzindo mais de um terço de sua produção industrial – pouco abaixo do total combinado de Alemanha, Grã-Bretanha e França. Em 1929, respondiam por mais de 42% da produção mundial total, comparados com apenas pouco menos de 28% das três potências industriais europeias. Além disso, a guerra não apenas reforçou sua posição como maior produtor industrial do mundo, como os transformou no maior credor do mundo." (Hobsbawm. P.101, 2005)



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

conhecido como: “loucos anos vinte”³. Esta época também é notória pela difusão do uso de automóveis, telefones residenciais e energia elétrica, além de consideráveis mudanças no estilo de vida e na cultura.

Entre os anos 1925 e 1929, o número de fábricas passou de 183.900 para 206.700, representando um aumento de 12,4%; enquanto o valor produzido subiu de US\$ 60.8 trilhões, para US\$ 68.0 trilhões. Os índices de produção expostos pelo FED⁴, cresceram de 67 pontos, em 1921, para 126 em julho de 1929 (GALBRAITH, 1972). Desta forma,

(...) os anos imediatos ao fim da conflagração foram um período de reajustamento da economia norte-americana às condições de paz. De um lado estava o alto nível atingido pela capacidade instalada, decorrente da demanda da guerra, e do outro a demanda de bens e serviços contida durante as hostilidades. (FILHO, 1991, p.367).

Nos próximos dez anos a economia norte-americana manteve elevadas taxas de crescimento, causando euforia entre empresários e investidores; ações sofreram fortes valorizações, embaladas por fatores especulativos e voláteis.

Confiantes nos sinais de prosperidade, uma parcela representativa da população norte americana passou a investir em participações de diversas companhias⁵. Este comportamento permaneceu até o surgimento dos primeiros sinais, ao final da década de 1920, de que a economia não estava absorvendo a quantidade produzida, fato que provocou uma rápida desvalorização nas ações, causando pânico e desespero, pois não havia demanda suficiente pelos títulos que outrora possuíam valor significativo⁶, dando início a uma conturbada crise, em escala global.

O gráfico a seguir demonstra a queda do preço das ações através das cotações do índice Dow Jones:

³ Rolling twenties, em inglês.

⁴ Federal Reserve, o banco central americano.

⁵ Até princípios de 1928, mesmo os espíritos conservadores poderiam atribuir a subida de cotação das ações aos seguintes fatores: o aumento dos lucros das empresas, a perspectiva de novos aumentos, a paz e tranquilidade dos tempos e a certeza de que a administração firmemente instalada em Washington não tiraria os lucros mais do que o montante necessário de impostos”. (GALBRAITH, 1972, p. 52).

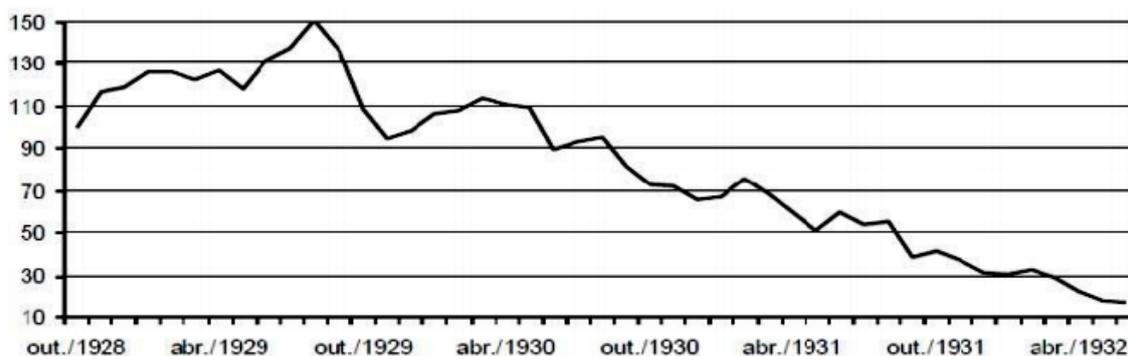
⁶ Culminando na “Quinta-Feira Negra”, (24 de outubro de 1929), dia em que a Bolsa de valores de Nova York sofreu a maior desvalorização de sua história.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Gráfico 1. Índice das Cotações Dow Jones



Fonte: FERRARI FILHO; SILVA, 2010, p.7

A crise, originada nos Estados Unidos da América, rapidamente foi exportada para diversos países, devido à influência econômica deles; portanto países, como o Brasil, que possuíam amplas relações comerciais com os Estados Unidos, tiveram que rever seus planos, em busca de estabilidade e manutenção do crescimento.

2.2. A Crise de 1929 e seus reflexos no mercado brasileiro

No Brasil os impactos da crise se deram em diversos axiomas, do campo econômico ao político.

A crise atingiu o setor cafeeiro em um delicado momento, onde os preços declinavam em decorrência do excesso de produção que alcançou o seu preço máximo em 1925 (215 mil-réis, por um saco de 60 quilos) e que desde então caiu até atingir 50% deste valor, em 1930 (STEIN, 1979). A desvalorização do principal artigo exportável brasileiro repercutia diretamente sobre outros setores, já que a renda proveniente do café mantinha a demanda de diversas áreas.

Naturalmente, a renda dos agricultores fluía tendo em vista o atendimento de várias necessidades, dentre elas a de vestuário; porém a condição de crise afetava este fluxo, comprometendo o salário dos trabalhadores rurais a ponto de reduzir a demanda por vestuário, afetando negativamente a indústria têxtil de algodão, que abastecia de maneira acentuada os mercados interioranos.

Desta forma, a partir de 1926, notando a diminuição na demanda, os empresários do setor têxtil foram pressionados a mudar suas estratégias de produção a fim de manter os lucros auferidos em duas décadas e meia de crescimento industrial do setor têxtil. Dentre estas mudanças podemos citar a fabricação de tecidos finos, que objetivava a conquista de um mercado que até então era abastecido por tecidos importados. No entanto, com o agravamento da crise



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

outras ações foram adotadas, como a eliminação de intermediários nas vendas de insumos e a tentativa de formação de cartéis.

O acirramento da concorrência provocou uma maior preocupação com o controle de custos, que por sua vez fez com que alguns industriais apontassem os intermediários e produtores de algodão pelos preços altos das mercadorias acabadas. Uma das alegações era que os empresários de São Paulo e do Rio de Janeiro pagavam de 60 a 70% a mais pelo algodão cru do que as fábricas estrangeiras pelo mesmo produto produzido no Norte do Brasil (STEIN, 1979). Por outro lado, argumentava-se que a ineficiência no transporte era responsável pelos preços mais altos.

A solução adotada por alguns produtores, visando a redução de custos, foi a venda direta, evitando intermediadores; dessa forma era possível ganhar competitividade, baixar os preços e aumentar os lucros.

À medida que a produção interna buscava se aperfeiçoar e atender a outras demandas, o produto nacional, ao ser inserido em outros nichos, defrontava-se com o produto estrangeiro de qualidade semelhante, proveniente da Inglaterra⁷.

Neste contexto, em face da concorrência, visando o enfrentamento da crise e a manutenção do crescimento no setor têxtil, houve uma maior atenção em torno da adoção de medidas protetivas e barreiras comerciais. Além disso, havia indícios apontados por produtores brasileiros da prática de *dumping* nos produtos ingleses, o que reforçava a necessidade da adoção de medidas protetivas.

Grupos de influência de ambos os lados se formaram, os que eram contra a elevação das tarifas defendiam que o consumidor seria penalizado e que a medida favoreceria uma parcela de magnatas industriais que estavam interessados em auferir ainda mais lucro; por outro lado, aqueles que defendiam a revisão da tarifa, geralmente produtores, argumentavam em favor da urgência em relação ao *dumping* inglês que era prejudicial aos interesses da indústria nacional.

Por fim, em janeiro de 1929, foram modificadas as tarifas referentes ao algodão. Essas medidas se mostraram eficientes em reduzir as importações de tecidos de algodão, que baixaram, de 8.310.615 quilos para 1.338.304 quilos entre 1928 e 1929. (STEIN, 1979)

No entanto, a situação da indústria têxtil continuava crítica, as importações de máquinas caíram 83% entre 1926 e 1930, e a produção de algodão também caiu. Dentre as cinquenta e sete fábricas têxteis de algodão que operavam no estado de São Paulo, vinte e três haviam suspenso as suas operações, e dezessete, ou 30% das fábricas, operavam com até 50% de sua

⁷ “Quando os empresários que se voltaram para a fabricação de produtos de melhor qualidade esbarraram com a concorrência dos produtos ingleses de qualidade comparável, despejados em grande quantidade no mercado brasileiro, a adoção de barreiras mais elevadas e eficazes transformou-se numa reivindicação vital, a principal esperança de sobrevivência, segundo alguns.” (STEIN, 1979, p.123)



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

capacidade instalada, os outros 30% trabalhavam com 50% a 120% da capacidade produtiva, segundo Stanley Stein.

A sequência de fatos e acontecimentos sociais e econômicos decorrentes direta e indiretamente da crise internacional contribuiu para o clima de insatisfação popular com o frágil governo de Washington Luiz, até que chefes militares do Exército e da Marinha depuseram o presidente, instalaram uma junta militar que, em seguida, transferiu o poder para Getúlio Vargas (FAUSTO, 1994). Este evento ficou conhecido como Revolução de 1930, e modificou as estruturas de poder no país, amargando o domínio das oligarquias no poder⁸.

Os impactos dessas mudanças no cenário nacional serão discutidos em maiores detalhes ao longo dos próximos capítulos deste trabalho.

2.3. Industrialização no Brasil

Para compreender o processo de industrialização ocorrido no Brasil, é imperativo conhecer o contexto econômico e social em que os fatos submergiram. Por tratar-se de um período de transição, investigamos os eventos econômicos que precederam o surgimento de iniciativas industriais.

Desde o século XIX, o Brasil figurava entre os maiores produtores de café, atuando ativamente no mercado internacional na condição de semimonopolista. Por outro lado, a economia brasileira era pouco diversificada, em parte devido à sua herança colonial; não havia muitas alternativas para a alocação dos recursos obtidos na cafeicultura, e o país vinha apresentando um preocupante histórico de superproduções, e consecutivas quedas no valor da saca, agravadas pela perda de espaço no mercado. Além disso, o sistema produtivo apresentava fragilidades, uma vez que,

(...) a produção de café, em razão dos estímulos artificiais recebidos, cresceu fortemente na segunda metade desse decênio. Entre 1925 e 1929 tal crescimento foi quase cem por cento, o que revela a enorme quantidade de arbustos plantados no período imediatamente anterior. Enquanto aumenta dessa forma a produção, mantêm-se praticamente estabilizadas as exportações. Em 1927-29 as exportações apenas conseguiam absorver as duas terças partes da quantidade produzida. A retenção da oferta possibilitava a manutenção de elevados preços no mercado internacional. Esses preços elevados se traduziam numa alta taxa de lucratividade para os produtores, e estes continuavam a intervir em novas plantações. (FURTADO, 1968, pg.191).

⁸ “Um novo tipo de Estado nasceu após 1930, distinguindo-se do Estado Oligárquico não apenas pela centralização e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos. Devemos acentuar pelo menos três dentre eles: 1. A atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2. A atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorpora-os, a seguir, a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3. O papel central atribuído às Forças Armadas- em especial o Exército- como suporte da criação de uma indústria de base e sobretudo como fator de garantia da ordem interna”. (FAUSTO, 1994, p.327).



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Desequilíbrios artificialmente criados estavam contribuindo para uma alocação ineficiente de capitais, alimentando uma crise no setor cafeeiro; produtores eram incentivados a produzir, quando deveriam parar de produzir. Com o preço “garantido” a oferta passou a ser constantemente superior a demanda, como afirma Furtado (1968): “Não resta dúvida, porém, de que, na forma como foi seguida, ela (a política de proteção) precipitou e aprofundou a crise da economia cafeeira no Brasil.”

De acordo com um jornal britânico⁹, em outubro de 1929, 2/3 do café consumido no mundo era produzido em São Paulo, e o café representava 3/4 das exportações brasileiras. Informação que ratifica, portanto, a situação tênue da economia brasileira, tida como uma economia de “sobremesa¹⁰”, dependendo da exportação de artigos supérfluos, em um contexto de crise mundial. Com a chegada dos sintomas da crise, a entrada de capital estrangeiro ficou parcialmente comprometida, as exportações que atingiram US\$ 445 milhões em 1929, caíram para US\$ 180 milhões em meados de 1930. A cotação da saca no mercado internacional caiu de 200 mil-réis, em agosto de 1929, para 21 mil-réis, em janeiro de 1930; representando uma queda de quase 90%, segundo a Bolsa de Café de Santos.

Com o intuito de conter a repentina desvalorização e queda na demanda pelo principal artigo produzido nacionalmente, várias medidas foram adotadas, inclusive a queima dos excedentes produzidos. Devido à esta política, de uma produção de 28 milhões de sacas apenas 14 milhões eram de fato exportadas, este mecanismo de defesa do café, adotado pelo governo, preservava a renda dos cafeicultores e era custeado pelo conjunto da sociedade, pela prática da “socialização das perdas”, nas palavras de Celso Furtado.

No Brasil o impacto na renda foi de 25 a 30%, segundo Furtado; nos Estados Unidos a redução foi ainda maior, de 50%. O café sofreu uma desvalorização de mais de 60%, entre 1929 e 1932. Frente à magnitude da crise, mesmo com as políticas de defesa do café e todos os esforços governamentais para a manutenção do setor cafeeiro, os preços, que pagos em divisas estrangeiras, continuavam em queda. No entanto, a renda dos proprietários não foi seriamente comprometida.

Em razão da crise, o Brasil se viu em uma situação de escassez de divisas, o fluxo regular de capitais estrangeiros do qual o país estava acostumado a depender, já não era mais o mesmo; não possuindo moedas estrangeiras para financiar as importações de bens de consumo, a única alternativa era produzi-los internamente, ou seja: Acentua-se novamente o processo de nacionalização da economia do país. A grave crise que sofria seu sistema tradicional de fornecedor de matérias-primas e gêneros tropicais resultou no progresso de sua nova economia voltada para necessidades próprias (PRADO JUNIOR, 1974: p. 292).

⁹ Herald Tribune.

¹⁰ Termo utilizado pelo economista Celso Furtado (1920-2004).



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Em decorrência desses fatores adversos, surgiriam fundamentos para uma nova matriz econômica que tenderia a promover uma melhor diversificação produtiva e que acentuaria o papel do estado, fortalecendo diversos mecanismos de defesa do café, políticas de substituição de importações, manipulação de tarifas aduaneiras e apoio à industrialização.

Segundo Furtado (1968), a crise foi o ponto de ruptura a partir do qual houve uma mudança na dinâmica desta economia, de majoritariamente exportador de café, o país voltou suas atenções para o mercado interno, produzindo internamente artigos que até então eram usualmente importados. Uma parcela das demandas que eram supridas por produtos importados passou a ser paulatinamente direcionadas ao mercado interno, tornando-se economicamente viável a produção de determinados artigos industriais em território nacional.

Ainda para minimizar os desequilíbrios, o governo se valeu de instrumentos de desvalorização cambial; entre 1931 e 1935 a desvalorização foi de 54%. A desvalorização, bem como a crise da agroexportação, dificultaram ainda mais o acesso aos produtos importados, alterando os termos de troca e viabilizando a industrialização interna. (FURTADO, 1968)

O aumento do preço relativo das importações e a limitação da capacidade de importar atingiram também os bens de capital, por isso acredita-se que o aumento da produção na primeira fase de expansão só foi possível dada à existência de uma capacidade já instalada no setor industrial. A utilização da capacidade ociosa produziu maiores lucros, que seriam reinvestidos e direcionados, futuramente, para a expansão da capacidade produtiva e melhoria na qualidade.

Em um segundo momento, o crescimento da demanda das manufaturas gerou uma maior procura por bens de capital, que devido as dificuldades ligadas as importações criaram condições favoráveis para o desenvolvimento da indústria de bens intermediários e de capital no país, que dado a sua importância, promoveram um crescimento industrial significativo.

2.3.1. Interpretações sobre industrialização brasileira

Para melhor compreender os possíveis efeitos da crise e as dinâmicas que podem ter influenciado no desenvolvimento industrial brasileiro abordaremos as quatro principais correntes de pensamento que buscam interpretar o desenvolvimento industrial brasileiro, dentre elas: A) Teoria dos choques adversos; B) Industrialização liderada pela expansão das exportações; C) Capitalismo Tardio; D) Industrialização devido a políticas governamentais. (Suzigan, 2000, p.23).

A Teoria dos Choques Adversos enfatiza os choques externos vividos no período, como a Primeira Guerra Mundial (1914- 1918) e a Grande Depressão (1929), que dificultaram as exportações e importações. Esta teoria, defendida pela CEPAL, argumenta que o desenvolvimento industrial pode ser explicado, diretamente, como uma consequência dos acontecimentos globais que impuseram um “fechamento” na economia, propiciando uma maior dinamização da econômica nos países latino-americanos.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Na visão de Celso Furtado e Maria Conceição Tavares, o crescimento industrial da década de 30 foi resultado do modelo de substituição de importações. No período anterior a 1930, segundo os autores, a economia interna dependia fortemente do crescimento e da demanda de outros países, como os Estados Unidos.

A teoria da industrialização liderada pela expansão das exportações, defendida por Warren Dean, aponta uma possível relação direta entre a expansão das exportações e o desenvolvimento industrial do estado de São Paulo. Dean (1971) argumenta que o dinheiro acumulado, devido às exportações de café, teria financiado a expansão da indústria paulista, sendo, portanto, apenas um reinvestimento do capital em outros setores produtivos. Na visão de Warren Dean, o comércio de café e suas consequências socioeconômicas como a existência de mão-de-obra assalariada, proporcionaram um grande aumento do dinheiro em circulação, viabilizando a construção de fábricas e indústrias.

Durante os anos em que o café se vendeu bem, tudo faz crer que a indústria foi mais lucrativa e se expandiu mais depressa. Durante os anos maus do comércio do café, como aconteceu em 1892, 1895 e novamente entre 1902 e 1906, a indústria local agonizou (DEAN, 1971, p. 93.)

Esta tese diminui a importância dos acontecimentos externos e diverge das ideias defendidas por Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares.

A tese do Capitalismo Tardio postula que o crescimento industrial se deu como parte do processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil. A abordagem do Capitalismo Tardio indica a importância da acumulação de capital do setor exportador e encara a expansão da economia cafeeira como vetor de diversificação econômica e de crescimento industrial, ponderando certos limites impostos pela dependência da economia cafeeira.

A quarta teoria, defendida por Versiani (1974), salienta o papel das políticas governamentais que podem ter estimulado a industrialização. Segundo esta teoria, a industrialização foi o produto de políticas governamentais bem executadas. Esta tese pontua que elementos como a proteção alfandegária, incentivos e subsídios às indústrias, são os elementos responsáveis pelo expressivo desenvolvimento industrial vivenciado na época.

Esses autores, especialmente Celso Furtado e Maria Conceição Tavares, sustentam que a crise de 1929 é um ponto central de mudança na explicação do desenvolvimento industrial. Antes de 1929, o crescimento industrial é considerado dependente da renda interna resultante da expansão do setor agrário-exportador. Já na década de 1930, o crescimento industrial é resultado da industrialização substitutiva de importações, consequências das mudanças proporcionadas pelos efeitos da Crise de 1929.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

2.4. Industrialização em São Paulo

São Paulo, no começo do século XX, já era uma das localizações de maior desenvolvimento econômico do país, o censo industrial de 1907 já salientava a sua importância em âmbito nacional, com seus 314 estabelecimentos industriais e 24,2 mil operários, ficando atrás somente do Distrito Federal. (SUZIGAN, VILLELA, 1975)

Em 1920, um novo censo industrial caracterizava o estado de São Paulo como o maior centro industrial do Brasil, superando o Distrito Federal. O censo atestava que São Paulo possuía 4.145 estabelecimentos industriais e 83.998 operários que representavam 35,2% de todo valor adicionado pela indústria do país. (SUZIGAN, 1979)

Vários autores, sobre diversos aspectos, abordam a industrialização ocorrida no estado de São Paulo, no entanto, pode-se inferir que três fatores parecem convergir no que se refere à projeção do estado como o maior concentrador industrial do país, a partir dos anos 20, e sobretudo, após a depressão econômica de 1929-33, o primeiro seria o acúmulo de capitais propiciado pelo cultivo do café, bem como, a formação de uma elite econômica, com significativa capacidade de investir; o segundo, seria o grande fluxo de imigrantes europeus¹¹ atraídos pela política de imigração e colonização, formando um contingente que facilitou e viabilizou a instalação de indústrias. Como afirma Armen Mamigonian:

A gênese do desenvolvimento industrial no Estado de São Paulo iniciou-se em meados das décadas de 1880-1890, por meio dos capitais advindos da superprodução produção cafeeira e das iniciativas dos imigrantes europeus, que impulsionaram aqui o processo de industrialização. (MAMIGONIAN, 1976, *apud* DE SOUZA).

O trabalho assalariado foi de suma importância para o desenvolvimento industrial no país ao suprir o mercado consumidor e produtivo. A mão-de-obra do imigrante foi, em grande parte, organizada em torno da economia cafeeira, que proporcionava condições para o imigrante deixar o país de origem e se instalar no Brasil, mesmo que de maneira precária. Este fenômeno também trouxe o cultivo de novas lavouras que impulsionaram as economias locais e contribuíram para a diversificação produtiva, além de contribuir com novas iniciativas, como o interesse em empreender em áreas ainda pouco exploradas, auxiliando na modernização das cadeias produtivas.

O terceiro fator envolve a ampliação da capacidade energética e da rede de distribuição de energia para as cidades interioranas, que facilitava a instalação de indústrias e possibilitava um significativo avanço para o meio fabril. O estado de São Paulo, entre 1935 e 1939, apresentou um

¹¹ “No ano de 1933, 45% das fábricas localizadas no estado de São Paulo pertenciam a estrangeiros, totalizando 27,4% do capital aplicado na indústria, e representando 28,4% do total produzido. (DIRETORIA DE Estatística, INDÚSTRIA E CO TARIA DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMERCIO DE SÃO PAULO. (DEIC/SAIC/SP) Estatística Industrial do Estado de São Paulo 1933. p. 25).



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

aumento de 64,4% na capacidade instalada das companhias elétricas, concentrando 57% de toda potência instalada no país (VILLELA, SUZIGAN, 1975).

A indústria paulista pode usufruir de parte da infraestrutura construída para atender o setor cafeeiro, como as ferrovias; dessa forma, e se valendo dos fluxos migratórios, o crescimento industrial se deu de maneira acentuada, quando comparada a outros estados do país. Entre 1907 e 1919, a taxa de crescimento na indústria paulista foi maior que dobro da observada no resto do país. Já no período entre 1919 e 1929, a indústria paulista apresentou sinais de diversificação produtiva, buscando atender o mercado regional e também nacional (STEIN, 1979).

Políticas protecionistas e o conturbado cenário internacional constituíram, por vezes, elementos favoráveis ao desenvolvimento industrial brasileiro, sobretudo o paulista. Determinados setores foram beneficiados pela conjuntura socioeconômica, como o setor algodoeiro, que era menos sensível as importações.

O período pós-1929 foi significativo para desenvolvimento econômico brasileiro, tendo como paradigma, a transição do modelo agrário-exportador para um modelo industrial, e São Paulo beneficiou-se desta nova conjuntura, como salienta Wilson Cano:

A crise de 1929 e sua recuperação provocariam o deslocamento do eixo dinâmico da acumulação, do setor agroexportador para o industrial. Desarticulando o comércio exterior, isto causaria forte reversão no abastecimento interno: as restrições às importações forçariam a periferia nacional a importar, agora, produtos manufaturados de São Paulo; este, por sua vez, deveria, crescentemente, importar mais matérias-primas e alimentos de outros estados. Passava-se, portanto, a integrar o mercado nacional sob o domínio de São Paulo. À periferia, nada mais restava do que se ajustar a uma função complementar da economia de São Paulo, embora mantendo ainda sua antiga dependência do exterior, através de suas exportações tradicionais (CANO, 1998, p. 63).

2.5. A Indústria têxtil

Antes mesmo do período colonial, pode-se observar a produção de algum tipo de insumo ou cultura que atendiam às necessidades indumentárias da população, no caso brasileiro, os nativos tinham o costume de cultivar algodão, que era utilizado na confecção de redes e tangas; os primeiros exploradores da terra exportaram esse algodão para a Europa (SIMONSEN, 1939, p.54).

Todavia, já no período colonial, durante séculos o desenvolvimento do setor têxtil não foi priorizado, pois os portugueses, que controlavam o mercado colonial, não tinham interesse em promover a industrialização em solo brasileiro, culminando na interrupção, em 1785, das manufaturas têxteis, pelo alvará da Rainha Maria I, que proibia o desvio de mão de obra da agricultura e da exploração mineira, optando pelos produtos provenientes do solo (SUZIGAN, 2000).



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

A transferência da corte para o Rio de Janeiro, em 1808, alterou a antiga regra, permitindo a abertura dos portos, e o comércio entre países. No entanto, neste período, o setor agroexportador era o mais beneficiado, havendo pouca preocupação com os setores manufatureiros. Frequentemente os acordos comerciais não beneficiavam os produtores nacionais.

Somente em 1844, foi criada uma tarifa¹² que sobretaxava artigos, entre 20% e 60%, visando incentivar a indústria nacional, que naquele momento não podia competir em condições de igualdade com as indústrias dos países desenvolvidos.

Com incentivos a produzir, diversas fábricas foram inauguradas no Nordeste, no período de 1830 a 1884, sendo a Bahia o principal e mais importante centro de produção têxtil, até pouco mais da metade do século XIX. Segundo Stanley J. Stein, a partir de 1866 as fábricas passaram a se concentrar na região Centro-sul _São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro_, uma década e meia depois era estimada a existência de 48 fábricas, produzindo 20 milhões de metros de tecido anualmente. Estas fábricas atendiam a crescente demanda por vestuário e diversos tipos de sacarias, utilizadas para estocar café, açúcar, cereais etc.

A abolição da escravidão, através da Lei Áurea, e outras leis aprovadas anteriormente, contribuíram para a difusão do trabalho assalariado¹³, ampliando o mercado consumidor, antes formado, quase exclusivamente, pelas elites agrícolas, de modo a fortalecer a industrialização.

2.6. Indústria têxtil brasileira no Século XX

No século XX o Brasil protagonizou uma expansão no setor têxtil, sendo este considerado o gênero mais importante da indústria de transformação, até o ano de 1939¹⁴.

Em 1907 a indústria têxtil _incluindo produtos de algodão, juta, lã, seda e linho_ empregava 34,2% dos trabalhadores da indústria de transformação e tinha 40,2% do total da força motriz instalada e 40,4% do total do capital investido (SUZIGAN, 2000, P.129).

A Primeira Guerra Mundial, ocorrida em 1914, dificultou o comércio entre os países, pois afetou as rotas comerciais marítimas; dessa forma, ao mesmo tempo em que as exportações sofreram um grande recesso, a indústria conseguiu se sustentar devido à demanda do mercado interno, que encontrava dificuldades em importar tecidos durante este período, o que, na visão de Caio Prado Júnior¹⁵, teria impactado positivamente a indústria brasileira. Após o fim do conflito,

¹² Tarifa Alvez Branco, implementada no dia 12 de agosto de 1844.

¹³ "O fato de maior relevância ocorrido na economia brasileira no último quartel do século XIX foi, sem lugar a dúvida, o aumento da importância relativa do setor assalariado" (FURTADO, 1968, p.159).

¹⁴ Ver SUZIGAN, 2000, p.129.

¹⁵ A Grande Guerra de 1914-18 dará grande impulso à indústria brasileira. Não somente a importação dos países beligerantes que eram nossos habituais fornecedores de manufaturas declina e mesmo se interrompe em muitos casos, mas a forte queda do câmbio reduz também consideravelmente a concorrência estrangeira. No primeiro grande censo posterior à guerra, realizado em 1920, os estabelecimentos industriais



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

em 1919, as fábricas brasileiras produziam o equivalente a 75% do consumo nacional de tecidos de algodão, segundo Stanley Stein.

Durante toda a década de 1920, verificou-se um elevado volume de importação de máquinas e equipamentos, atingindo seu auge em 1925, após um período de dificuldade na importação de máquinas para a indústria, ocasionado pelo conflito bélico. Muitos fazendeiros preocupados com o nível de preços dos produtos agrícolas optaram por investir em outros segmentos, como o têxtil, importando máquinas e equipamentos. (STEIN, 1979)

A partir de 1926, causada principalmente por uma produção acima da demanda interna, crescimento da indústria têxtil sofreu uma desaceleração.

A superprodução combinada à baixa exportação, gerou uma queda nos preços dos produtos têxteis, reduzindo o lucro e o investimento no setor. No entanto, a produção permaneceu elevada, atingindo o seu ponto crítico em 1928.

Os anos 30 foram muito positivos para o setor têxtil, entre 1931 e 1938 foi registrado um crescimento de 50%.

3. OBJETIVOS

Verificar os impactos da Crise Mundial de 1929 ao setor têxtil paulista, nos seus diversos segmentos.

4. MÉTODOS

4.1. Indústria Têxtil em São Paulo, 1928-1937

A decadência da agricultura de exportação (*plantation*) moderou as ambições políticas dos cafeicultores, sendo sua liderança, substituída pela ascendente classe dos industriais. A era Vargas canalizou as expectativas dos industriais, promovendo um tipo de estado corporativista, que adotava os princípios da economia dirigida.

Em 1928, a indústria têxtil paulista, bem como as indústrias ligadas ao vestuário, era responsável pelo emprego de 56% dos operários do estado e gerava quase metade de toda a produção industrial de São Paulo.

Pouco antes da chegada da Depressão, o setor passava por uma crise; uma retração na demanda gerava acúmulo de estoques e parte dos produtores pediam por uma revisão nas tarifas aduaneiras, bem como a proibição da importação de máquinas têxteis, alegando que o setor passava por uma superprodução.

arrolados somaram 13.336, com 1.815.156 contos de capital e 275.512 operários. Destes estabelecimentos, 5.936 tinham sido fundadas no quinquênio 1915-19, o que revela claramente a influência da guerra. (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 261).



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Quando a indústria paulista foi atingida pela depressão houve uma diminuição de 22,17% no número de fábricas, e uma redução de 19,6% no quadro de operários, em 1930 comparado a 1928.

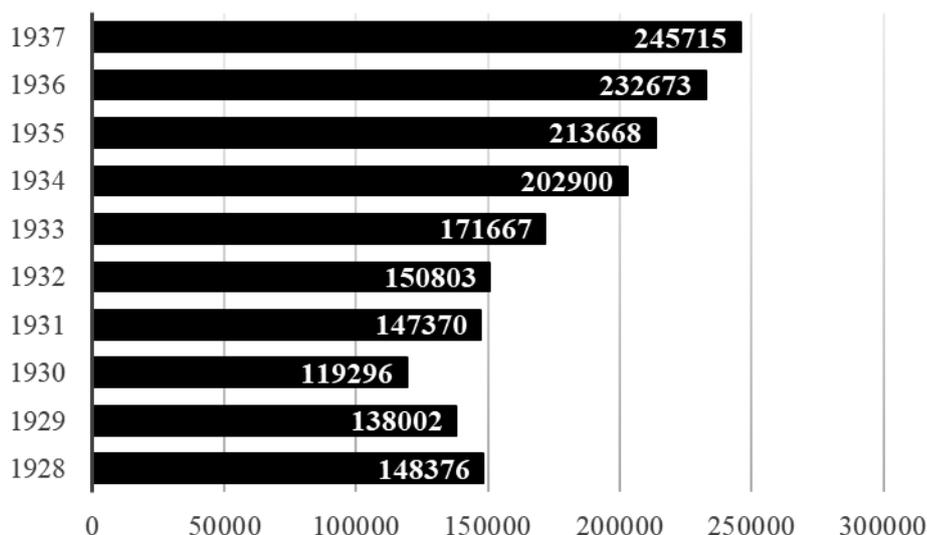
Na tabela a seguir, apresenta-se o número de operários e indústrias no estado de São Paulo, nos anos de 1928, 1929 e 1930.

Tabela 1. Número de operários em São Paulo

Ano	1928	1929	1930
Número de fábricas	6.923	8.842	5.388
Número de Operários	148.376	138.002	119.296

Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Gráfico 2. Número de operários na Indústria



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

O segmento têxtil foi um dos mais atingidos pela crise, sofrendo uma diminuição de 30% na sua produção em um intervalo de dois anos. Tendo, em 1929-1930, registrado uma queda de 43,4% na produção quando comparado ao seu pico, registrado em 1926.

Em 1931, a indústria têxtil aumentou a sua produção em 25% e em 7,8, no ano seguinte. Em parte, esse aumento pode ser explicado pelas dificuldades impostas às importações, que aumentavam a competitividade do produto nacional, e também pela proibição da importação de máquinas e equipamentos para o setor têxtil¹⁶.

¹⁶ "Vargas assinou, em 7 de março de 1931, o Decreto de número 19.739 que restringia por três anos a importação de máquinas para indústrias cuja produção fosse considerada excessiva pelo governo. Em 13 de maio do mesmo ano, a indústria têxtil de algodão foi declarada em estado de superprodução. Admitia-se a



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

A restrição às importações de máquinas¹⁷ contribuiu para o surgimento da indústria nacional de teares¹⁸, muito criticada pelos produtores do setor têxtil, que os acusavam de oportunismo, frente a situação de superprodução.

Os anos de 1933 até 1939 foram anos de grande desenvolvimento industrial, para todo o Brasil, representando um crescimento médio de 11,2% ao ano, e especialmente para São Paulo, que cresceu, em média, 14% ao ano. Essas taxas elevadas tornaram este período conhecido como “surto industrial”.

Entretanto, nem todas as áreas apresentaram um ritmo elevado de expansão, o setor têxtil registrou um aumento de 6,5% na produção.

4.1.1. Algodão

Os produtos manufaturados feitos de algodão foram os primeiros a serem produzidos pelo seguimento têxtil, desenvolvidos a partir de 1840. Segundo Suzigan, existem dados que indicam dois surtos de investimentos, o primeiro, da metade da década de 1860 até 1873, e o segundo, nos anos 1880 até 1883. Ao longo do tempo essa produção se consolidou tornando-se predominante, com um maior número de fábricas, funcionários e uma maior produção.

Em 1920, São Paulo era o principal centro da indústria do algodão, em parte devido aos lucros auferidos pelo cultivo do café.

No século seguinte, a partir de 1921, os investimentos na indústria têxtil de algodão aumentaram até atingirem seu ápice entre os anos 1924-1926 e manterem-se em níveis elevados até 1929. O número de fábricas de produtos têxteis de algodão em operação aumentou de 242 em 1921, para 359. Em 1929, com crescimento correspondente no número de fusos de 4.521.626, em 1921, para 2.651.108, em 1929 e teares, de 59.208, em 1921, para 80.336, em 1929, ao passo que o número de empregados aumentou proporcionalmente menor, de 108.960 em 1921, para 123.470, em 1929 (STEIN,1979, p.191). Por isso, acredita-se que a indústria havia expandido demasiadamente a sua capacidade produtiva; considerando somente as fábricas de São Paulo, a capacidade estimada de produção era de quinhentos milhões de metros de tecidos de algodão, em 1925, enquanto a produção média entre os anos de 1925-1928 era de apenas duzentos milhões de metros (SUZIGAN,2000).

Importação de máquinas novas e peças sobressalentes para a reposição de equipamentos e instalações obsoletas ou desgastadas. ” (STEIN,1979, P.145-146).

¹⁷ No entanto, acredita-se que as restrições às importações de maquinaria têxtil afetaram particularmente a indústria têxtil de algodão, e não a indústria têxtil como um todo. (SUZIGAN,2000, P.164)

¹⁸ “Entre 1930 e 1936, o maior fabricante brasileiro de teares ampliou sua produção mensal média de 30 para 130 unidades.” (STEIN,1979, p.148).



REVISTA CIENTÍFICA SOL21
STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
 Renan Magera Conceição

Tabela 2. Exportações de máquinas têxteis para o Brasil

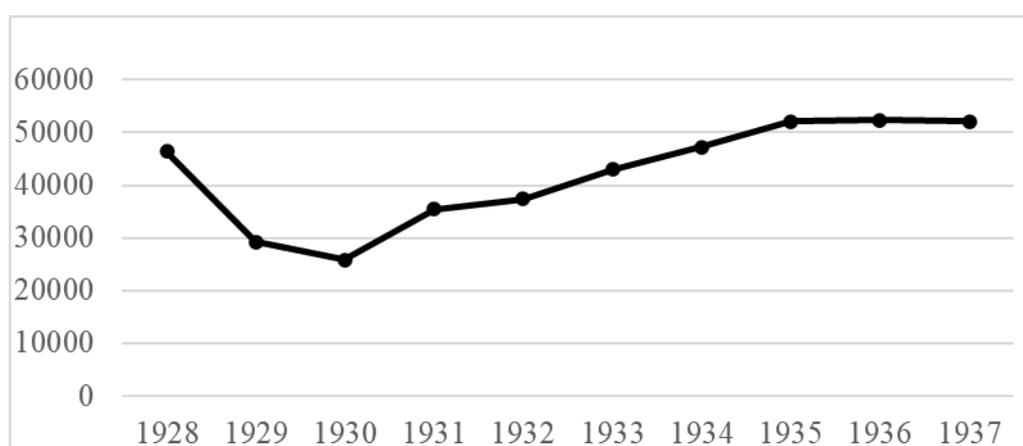
Período	Preço £ (preços de 1913)
1921-1923	469.517
1924-1926	771.091
1927-1929	491.029
1930-1932	223.540
1933-1934	395.241
1935-1936	570.997
1937-1939	676.311

Fonte: (Suzigan,2000, p.159)

O expressivo dado sobre importações de maquinário no período de 1924-1926, pode ser explicado pela valorização da taxa de câmbio real, que valorizou 59% em relação ao ano de 1921, gerando um aumento na compra de máquinas importadas de 64,23%, em relação ao período de 1921-1923, capitalizando diversos setores, como o algodoeiro.

Contudo, com a chegada dos sintomas da Crise, o setor algodoeiro demitiu 36,83% de seus operários, sendo, portanto, um dos ramos mais atingidos pela superprodução e a Crise de 1929, como pode ser observado no gráfico:

Gráfico 3. Número de operários no setor Algodoeiro



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

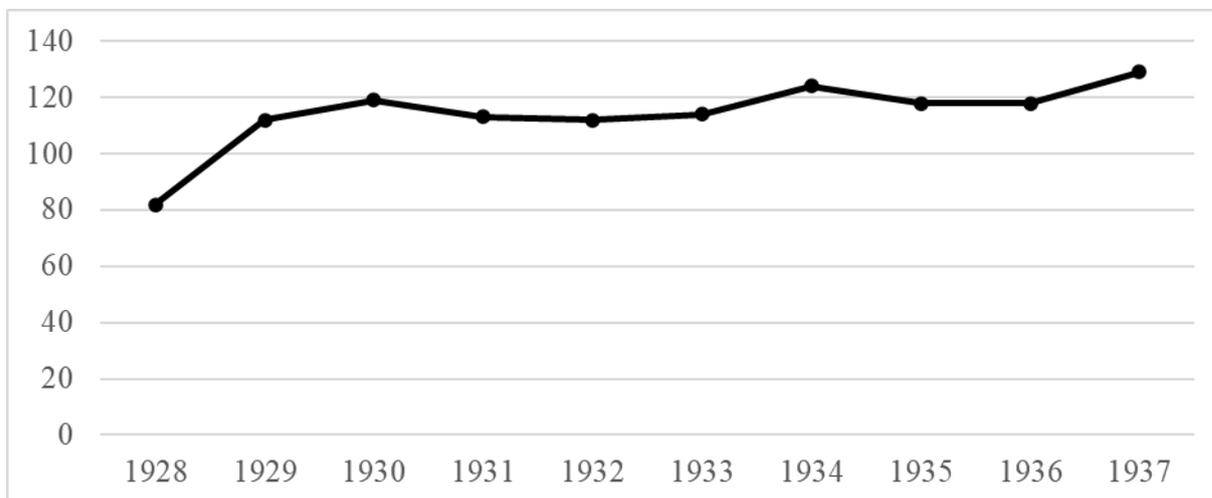
Todavia, o número de fábricas aparentemente não sofreu uma retração entre os períodos em que o desemprego aumentou.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

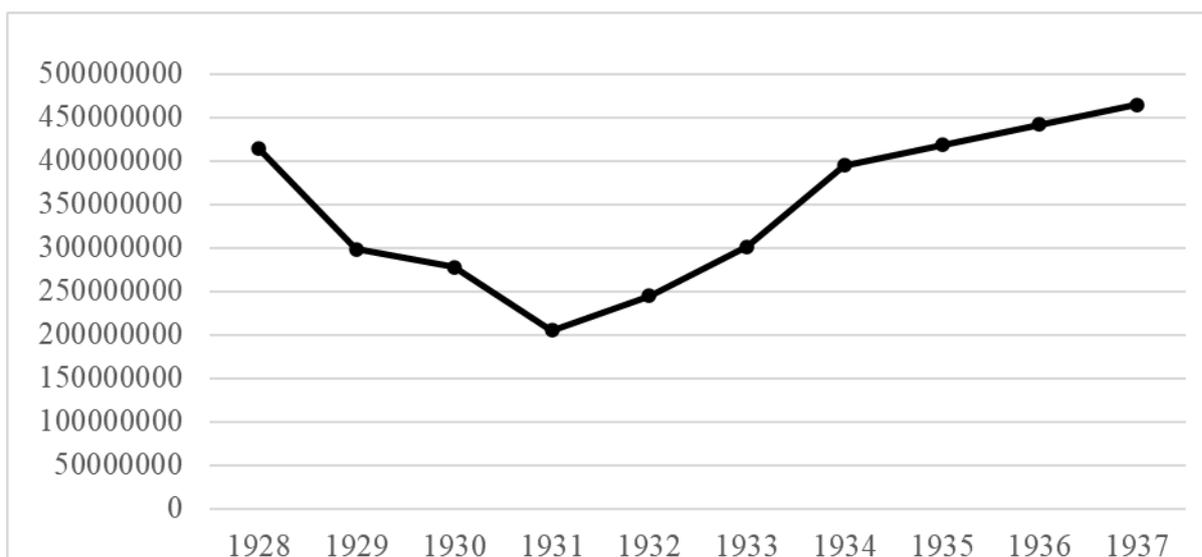
Gráfico 4. Número de fábricas de algodão



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

O aprofundamento da crise do café se refletia na indústria do algodão, cuja produção em 1929 já era menor do que durante os anos de guerra (1914-1918), e que permanecia reduzindo suas operações.

Gráfico 5. Valor da produção de algodão



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

A situação do setor só começou a melhorar quando o governo promoveu a expansão da demanda mediante um programa de ajuda ao café iniciado a partir de 1931, coincidindo com uma



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

desvalorização nominal do mil-réis, frente ao dólar, de 68,6%, em comparação a 1929. A taxa de câmbio real se desvalorizou 62,4% em 1930-1931, em relação a 1929. Essa desvalorização, combinada a proteção, mediante a cobrança de elevados direitos de importação, colocava o setor algodoeiro em condições de expandir as suas atividades (SUZIGAN,2000).

Entre os anos de 1930 e 1931, o capital real investido no ramo aumentou 3%. Da mesma forma, a força motriz instalada cresceu 6%; a quantidade têxtil produzida, em 34,1%; e os operários empregados, em mais de 37%. Porém, não é possível concluir que houve uma superação da crise, pois o número de trabalhadores, no ano de 1931, ainda representava 76% do total contabilizado em 1928 (LOUREIRO,2006, p.67).

Durante a década de 1930, a produção de algodão cresceu expressivamente. Segundo Stein, este crescimento se deu através da melhor utilização de sua capacidade instalada. No período de 1932-1933, houve um crescimento do capital real investido de 14%, dos operários empregados em 15%, da força motriz instalada de 4%, da quantidade de fábricas em 15% e do valor produzidos em 26%, superando o capital investido em 1928 (LOUREIRO,2006, p.69). O aumento na produção logo permitiu que o setor exportasse para outros países, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 3. Exportação de algodão por cabotagem 1933-1939

Ano	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939
Algodão, tonelada	7.908	9.968	11.860	7.887	7.668	6.531	6.624

Fonte: Comércio de cabotagem pelo Porto de Santos, 1933-1939, *apud* Loureiro, 2006

Tabela 4. Indústria do Algodão

Ano	Número de fábricas	Número de Operários	Capital Total	Valor da Produção
1928	82	46359	310538893	413327604
1929	112	29284	372084200	298068412
1930	119	25863	279701256	277625575
1931	113	35452	264293337	205012221
1932	112	37386	278580377	245021234
1933	114	42939	276537501	301413023
1934	124	47285	473801488	394341732
1935	118	52052	583807111	418118185
1936	118	52319	545685606	441762120
1937	129	52105	516281167	464675239

Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 – ISSN 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

4.1.2. Juta

Tabela 5. Tabela da Indústria de Juta

Ano	Número de fábricas	Número de Operários	Capital Total	Valor da Produção
1928	5	6390	60700000	126919689
1929	7	6268	72747804	76527559
1930	9	6617	54315000	59276761
1931	10	6630	52510000	45214684
1932	11	5223	51702000	51573570
1933	11	5491	100220000	43842030
1934	13	5618	142617835	46398296
1935	10	4351	36604059	56784195
1936	11	4579	41294251	44843211
1937	11	4822	45574265	69083866

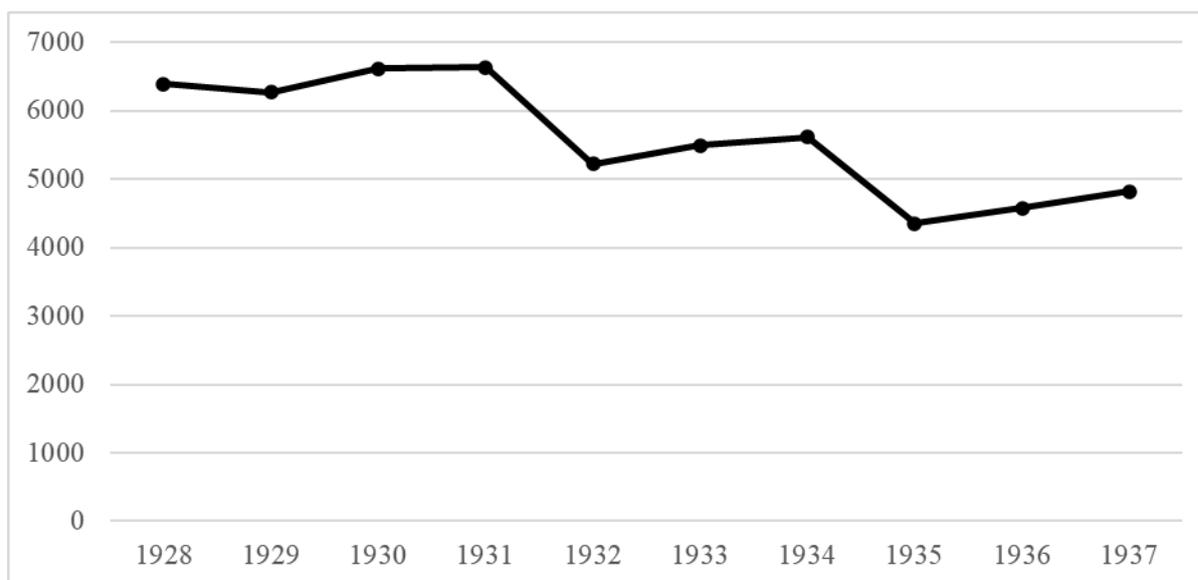
Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Os produtos manufaturados de juta começaram a ser produzidos com o intuito de atender às necessidades dos produtores de produtos primários, que precisam de sacaria para comercializar os seus produtos. Dessa forma, as indústrias de juta se desenvolveram próximas às regiões produtoras de produtos primários, como café, fumo, açúcar, arroz, feijão, cacau etc.

Em 1907, havia 10 fábricas têxteis de juta operando com 2.252 teares e empregando 3.489 trabalhadores. A produção interna de juta satisfazia 99,7% das necessidades internas, embora a produção dependesse da importação de fios de juta. (SUZIGAN, 2000, P.168)

A indústria cresceu acompanhando as exportações brasileiras, sendo em 1929 atingida pela queda na demanda por sacaria decorrente da crise mundial que atingiu o setor cafeeiro.

Gráfico 6. Número de operários de juta



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 – ISSN 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



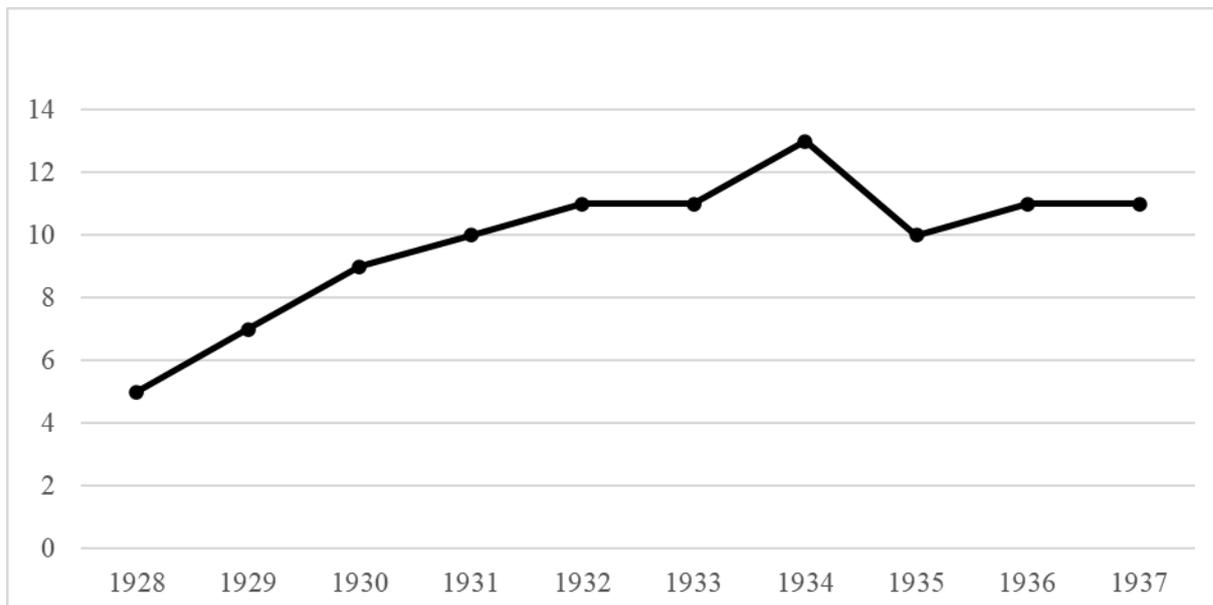
REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Entre os anos de 1928 e 1930, a indústria da juta sofreu a maior queda de capital real (-8,7%) e de produtivo (-45,8%), de todo subsetor têxtil. No mesmo período a quantidade de tecidos fabricados decresceu 37% (LOUREIRO2006, P.70).

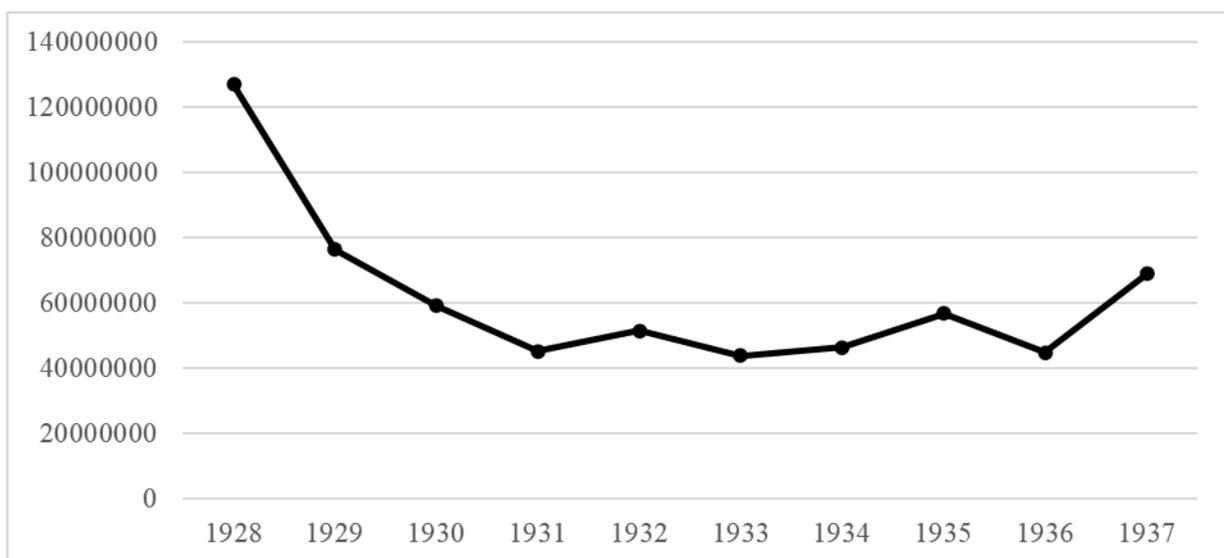
A indústria só voltou a crescer após 1933, com um ligeiro aumento no número de fábricas e operários.

Gráfico 7. Número de fábricas de juta



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Gráfico 8. Valor da produção de juta



Fonte: Estatística Industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 – ISSN 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

4.1.3. Malha

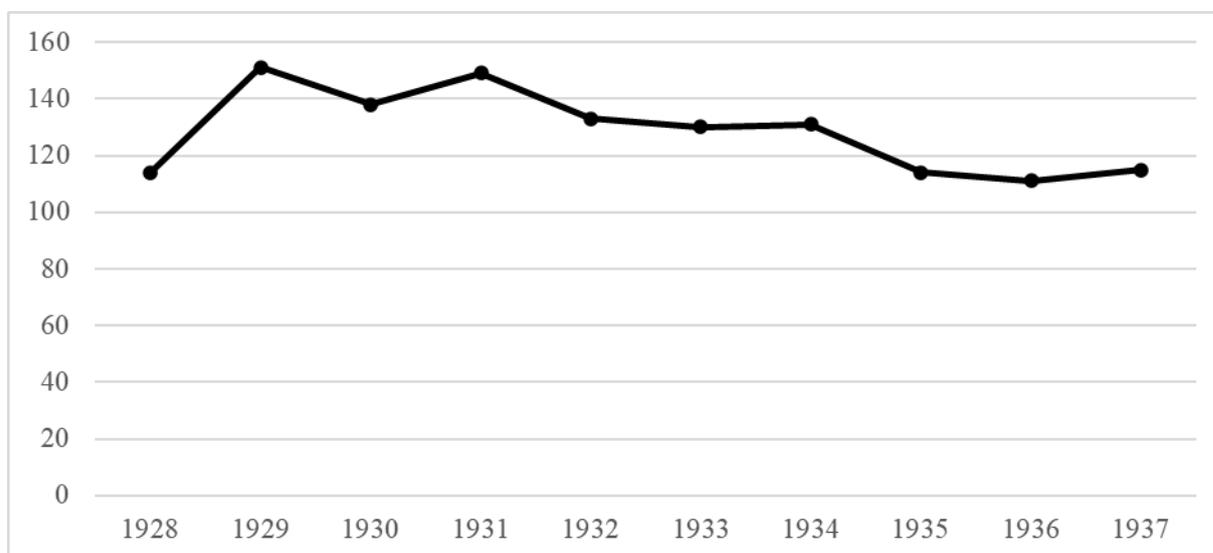
Tabela 6 - Tecido de malha

Ano	Número de fábricas	Número de Operários	Capital Total	Valor da Produção
1928	114	7157	35188478	84703164
1929	151	5292	38744500	83197657
1930	138	4660	33447700	-
1931	149	4961	24687471	49190128
1932	133	4762	23409480	48510415
1933	130	5314	33266919	59509060
1934	131	5527	40768608	61975168
1935	114	5447	43659727	64618407
1936	111	5478	42568467	66349733
1937	115	5924	52895185	78295855

Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

O setor de Malharia apresentou uma rápida expansão em seu número de fábricas entre os anos de 1928 e 1929, apresentando um aumento de 32,46%; no entanto o seguimento logo sofreu uma retração de 8,61% entre os anos de 1929 e 1930, crescendo, posteriormente, 7,97% entre 1930 e 1931. De 1929, período com maior número de fábricas, a 1937, o setor apresentou uma variação de 23,84%.

Tabela 7. Número de fábricas de malha



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 – ISSN 3086-089X

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

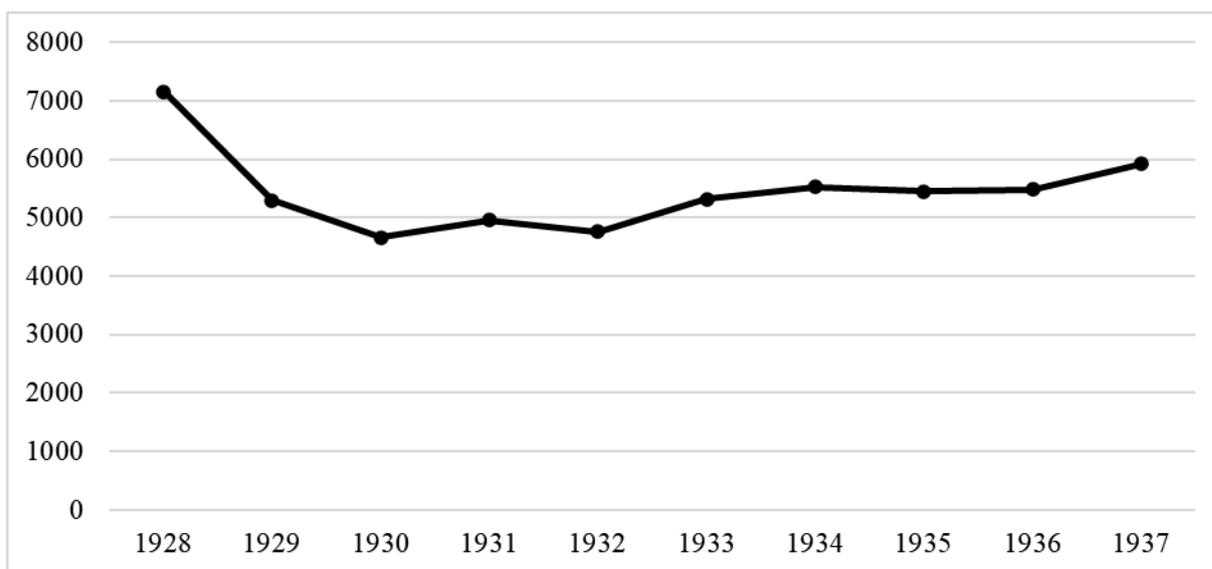


REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

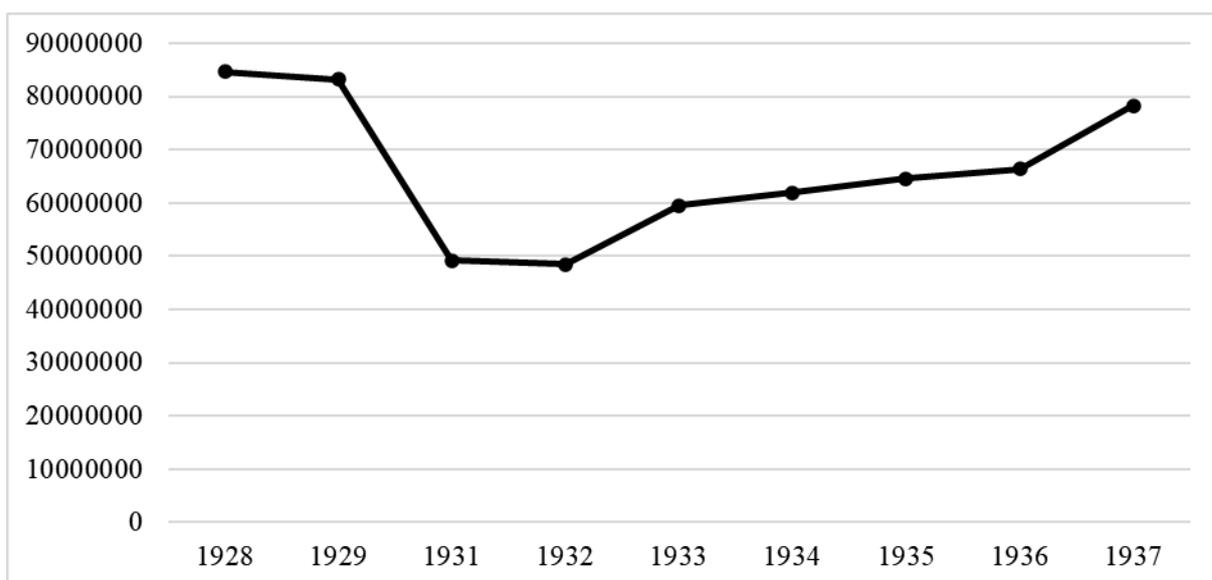
O setor apresentou uma queda no número de operários, entre os anos de 1928 e 1930, de 34,89%, mantendo-se praticamente estável entre os anos de 1930 e 1937, com uma variação, para mais, de 27,12% ao longo de 7 anos.

Gráfico 9. Número de operários no setor de malha



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Gráfico 10. Valor da Produção



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937



REVISTA CIENTÍFICA SOL21
STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
 Renan Magera Conceição

Tabela 8. Estatística industrial

Ano	Número de fábricas	Número de Operários	Capital Total	Valor da Produção
1928	21	2302	15935000	108240850
1929	20	2219	23225300	70145973
1930	21	2586	20757000	52594900
1931	21	2650	23757000	111727580
1932	-	3247	20177000	114708652
1933	18	4367	20963100	61530733
1934	21	4625	28480432	64403027
1935	19	4093	36990422	69032230
1936	18	5644	33203176	75147546
1937	21	4681	35504166	81154108

Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

A indústria de lã desenvolveu-se a partir de 1870, primeiramente na região Sul, devido ao clima mais rigoroso. No entanto, o setor estava limitado, com a atuação de poucas fábricas e um produto de baixa qualidade.

O desenvolvimento da indústria manufatureira de lã foi lento, em 1907 somente 15 fábricas foram incluídas nas estatísticas da indústria de transformação, com um capital que não ultrapassava 7% do aplicado no setor têxtil algodoeiro; embora a produção já satisfizesse quase a metade da demanda interna.

Nos anos anteriores à primeira Guerra Mundial a produção interna satisfazia 61,4% da demanda interna por produtos de lã.

No pós-guerra, na década de 1920, presenciou-se uma significativa expansão no número de fábricas de lã, principalmente em São Paulo, passando de 25 em 1920, para 38, em 1925; o número de teares aumentou de 203 para 922; o número de fusos, de 4.800 para 24.704; e o número de operários, de 1.478 para 2.552. Em 1927, as fábricas têxteis de lã de São Paulo eram responsáveis por 50% da produção nacional de lã (SUZIGAN,2000, P.174).

Em 1928, o segmento têxtil de lã atendia 78,9% da demanda interna.

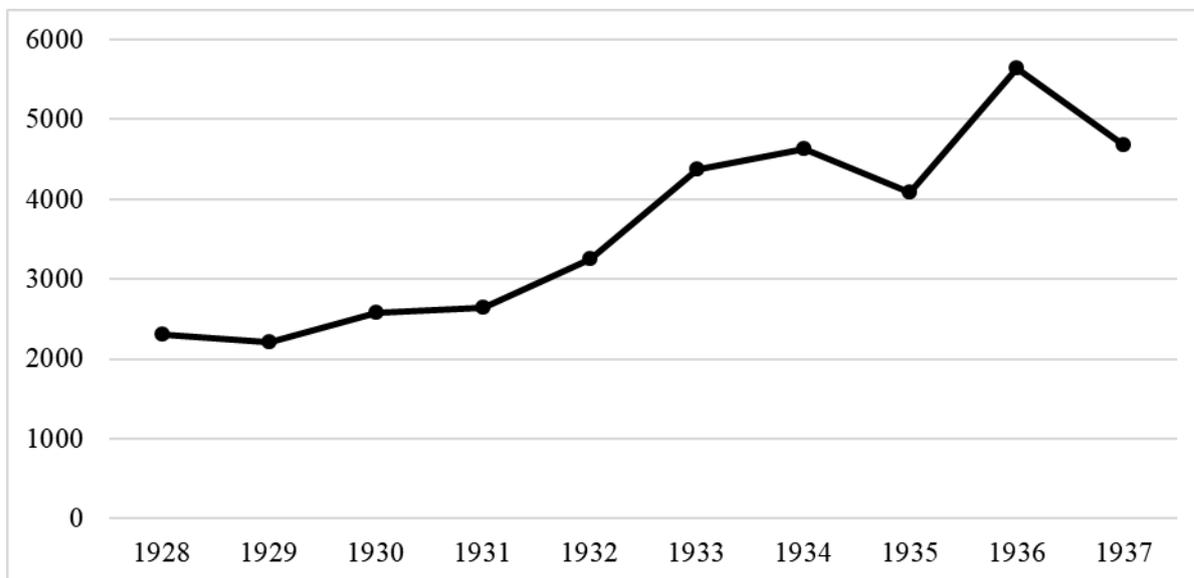
A Crise de 1929 aparentemente não atingiu o setor lanífero de forma significativa, durante os anos de 1928-1934 o setor apresenta uma elevação no número de operários, como pode ser observado no gráfico a seguir:



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

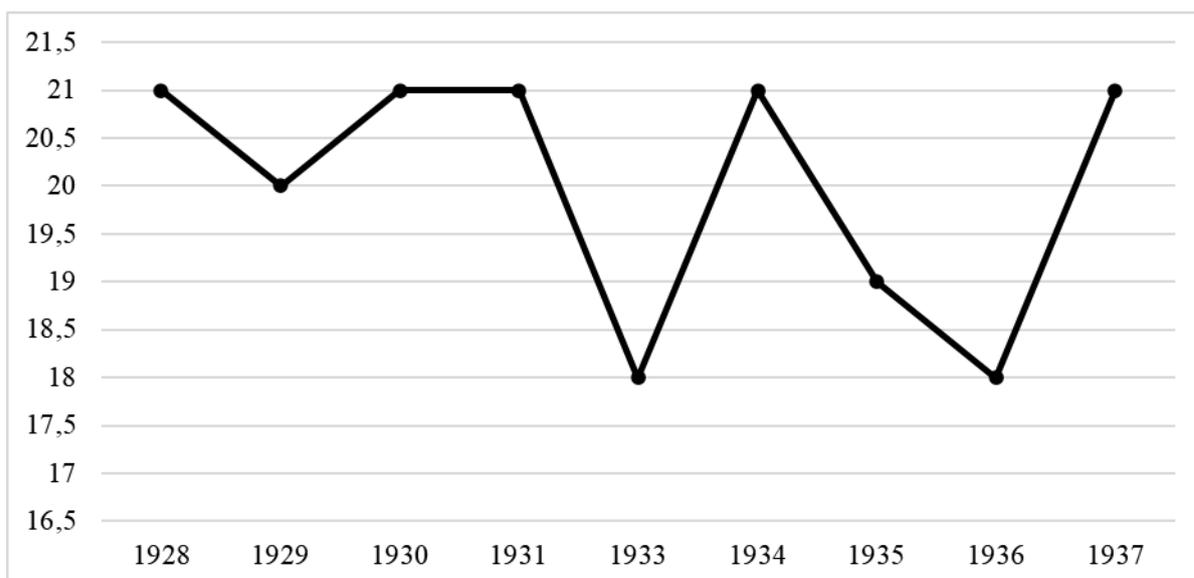
Gráfico 11. Número de Operários no setor de lã



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Entre os anos de 1928 e 1929, o capital real investido no ramo cresceu 38,2%, e a força motriz elevou-se em 44,5%. Entre 1929-1930, apesar da diminuição da força motriz (15,5%) e do capital nominal (10,6%), o número de operários de 1930 era 12,1% superior ao de 1928 (LOUREIRO, 2006).

Gráfico 12. Número de fábricas de lã



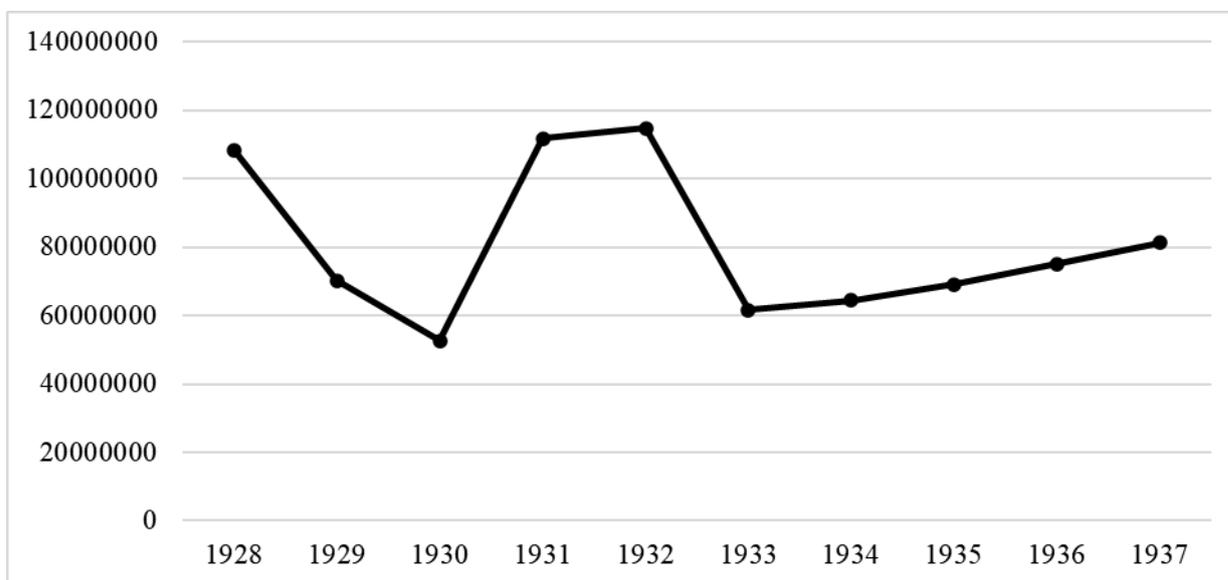
Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

Gráfico 13. Valor da Produção de lã



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

4.1.4. Seda

Tabela 9. Seda

Ano	Número de fábricas	Número de Operários	Capital Total	Valor da Produção
1928	42	5592	46594550	95916800
1929	66	5288	69909662	159272750
1930	63	5700	63619107	115669260
1931	63	6662	65696667	67686310
1932	74	6592	71677998	79071554
1933	101	5749	53569236	112990069
1934	125	6050	75738381	113386416
1935	137	7253	95392457	141344888
1936	172	8622	101608496	132734512
1937	168	9904	117865208	176686719

Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

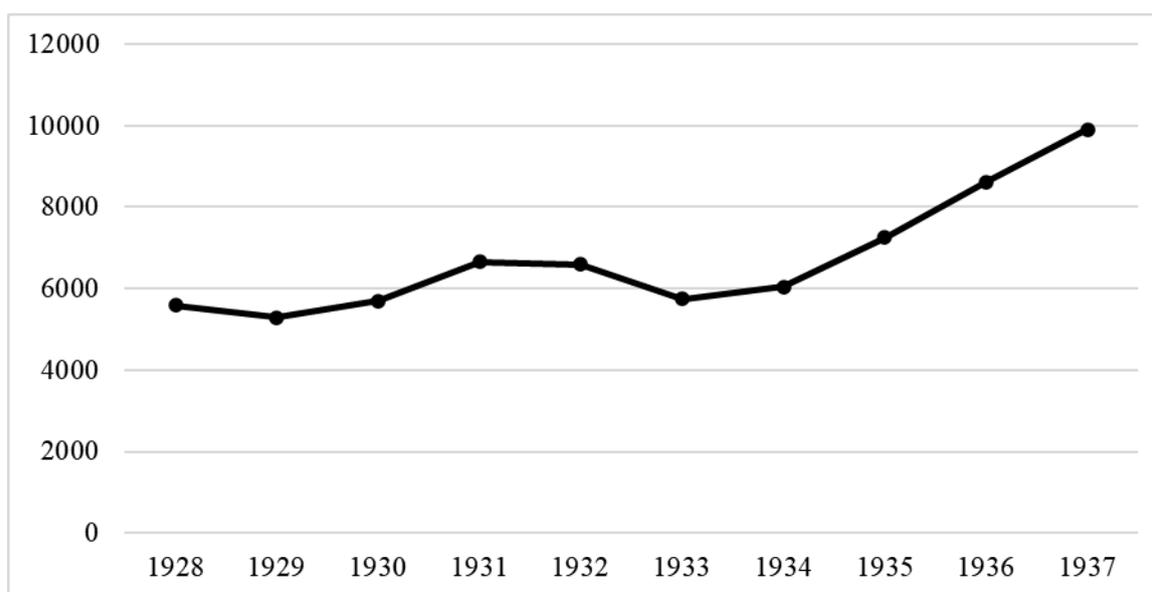
Apesar dos esforços por se fabricar tecidos de seda no Brasil desde o final da década de 1880, o setor apenas se desenvolveu de maneira significativa depois da década de 1920, sendo ele muito limitado até 1930, atendendo não mais que 6% da demanda.

Entre as décadas de 1920 e 1930, houve alguma expansão nas fábricas de seda, principalmente no estado de São Paulo, onde o número de fábricas aumentou de doze, com 660 teares, 2.097 operários, em 1922, para 37, com 2.089 teares, 10.880 fusos e 5.137 operários, em 1929. A indústria de tecelagem de seda de São Paulo desenvolveu-se ainda mais durante a década de 1930, com a instalação de grande número de pequenas fábricas, as quais empregavam cerca de 8.000 operários, em 1934. A produção de tecidos de seda aumentou de 93 toneladas em 1919, para 682 toneladas em 1928; após um período de crise entre fins de 1928 e 1932, a produção voltou a crescer a taxas muito altas, a partir de 1933, até atingir 6.215 toneladas em 1939 (HADDAD, 1978, p.81-2 *apud* SUZIGAN).

Tal aumento de produção pode ser, em parte, explicado pela criação de um imposto adicional sobre os produtos importado de seda, a partir de 1926, e na década de 1930 pela desvalorização da taxa de câmbio.

Entre os anos de 1928 e 1930, pode-se observar que o setor se manteve praticamente estável em relação ao número de operários, sofrendo um pequeno aumento seguido de uma ligeira queda em 1932. A partir de 1933, o setor da seda apresentou uma curva ascendente no número de operários contratados pelo setor, sem nenhuma queda abrupta, o que indica que o setor passou por uma relevante expansão.

Gráfico 14. Número de operários no setor da seda



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

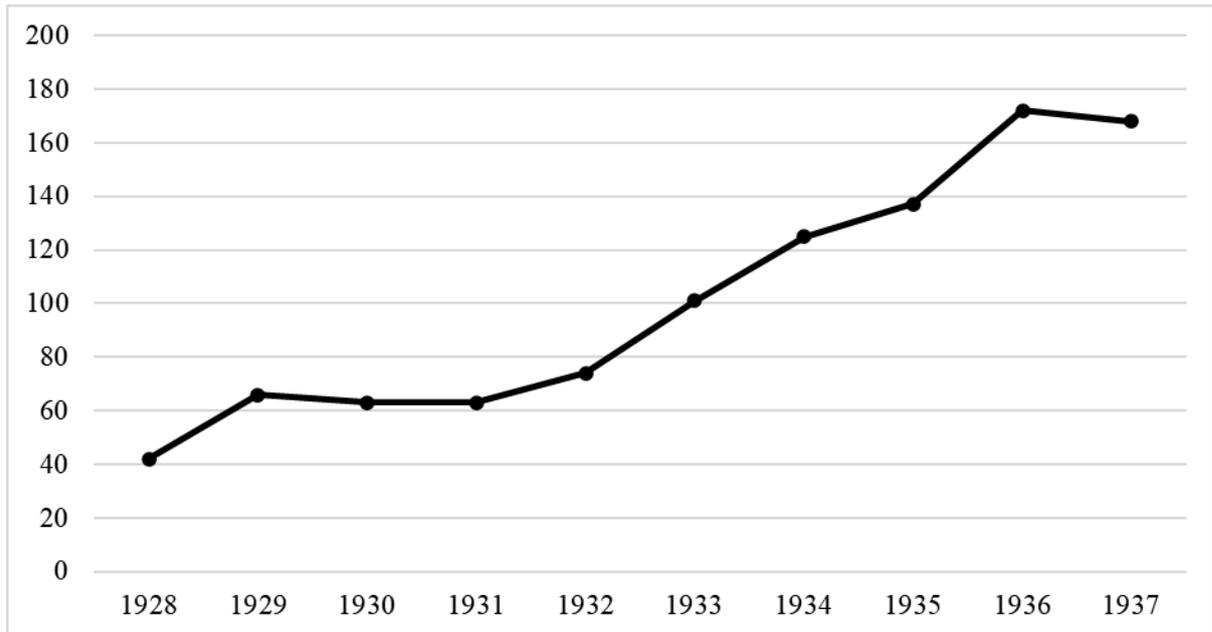


REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

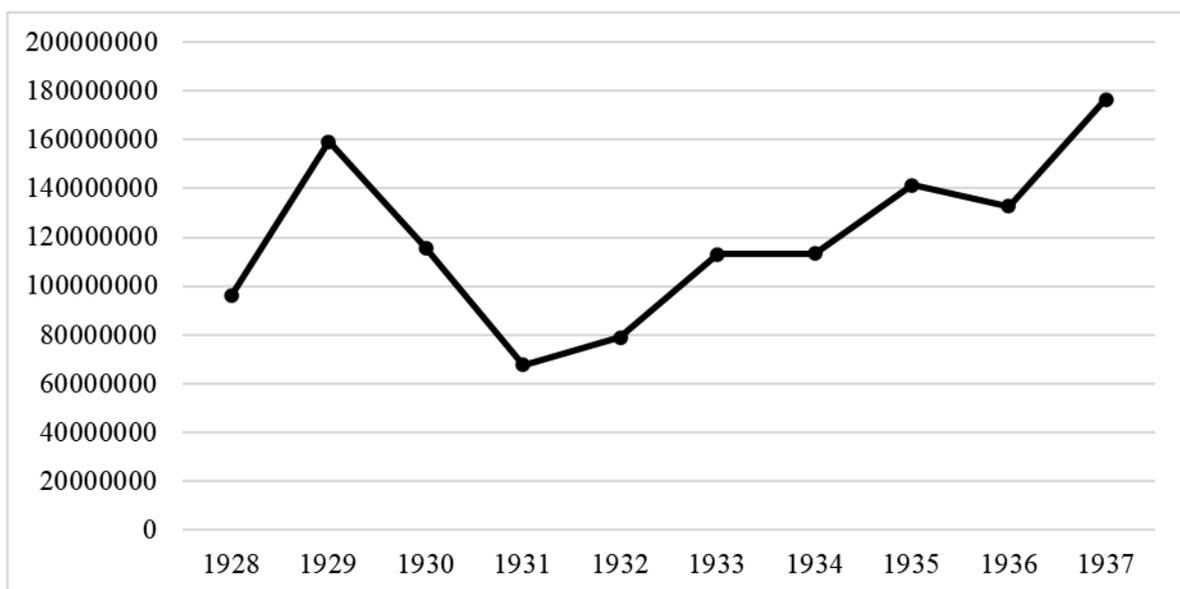
O número de fábricas de 1928 até 1936 também apresentou uma curva ascendente, sem nenhuma queda abrupta, indicando que o setor cresceu no período.

Gráfico 15. Número de fábricas de seda



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Gráfico 16. Valor da Produção de Seda

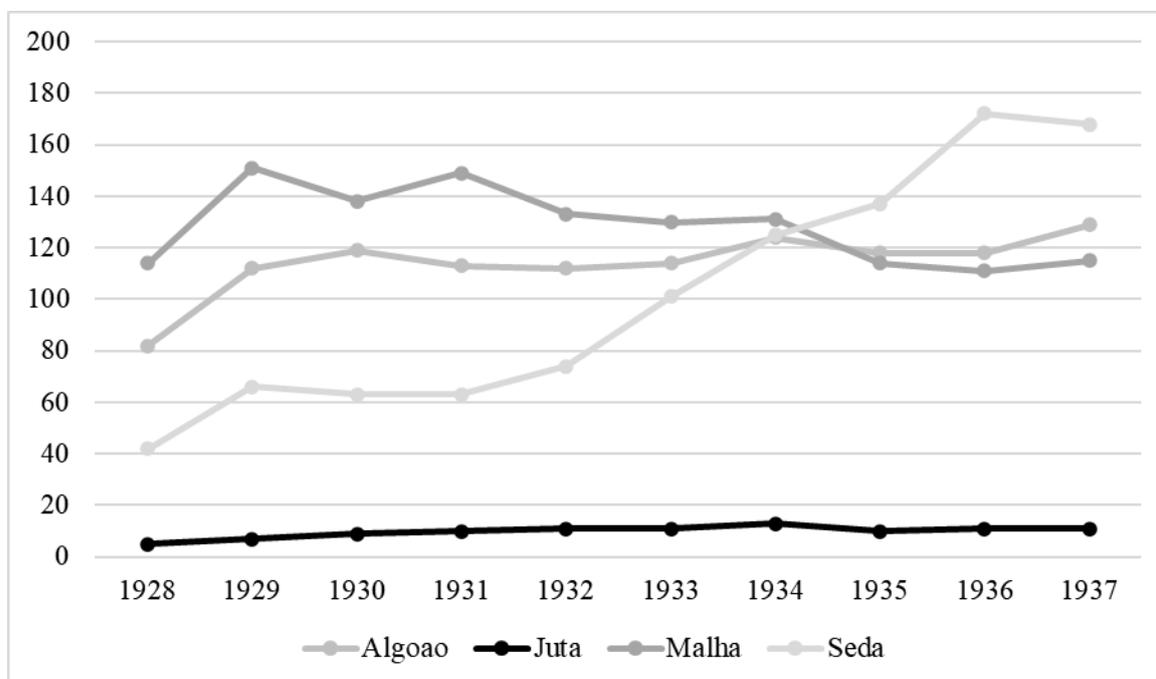


Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

REVISTA CIENTÍFICA SOL21 – ISSN 3086-089X

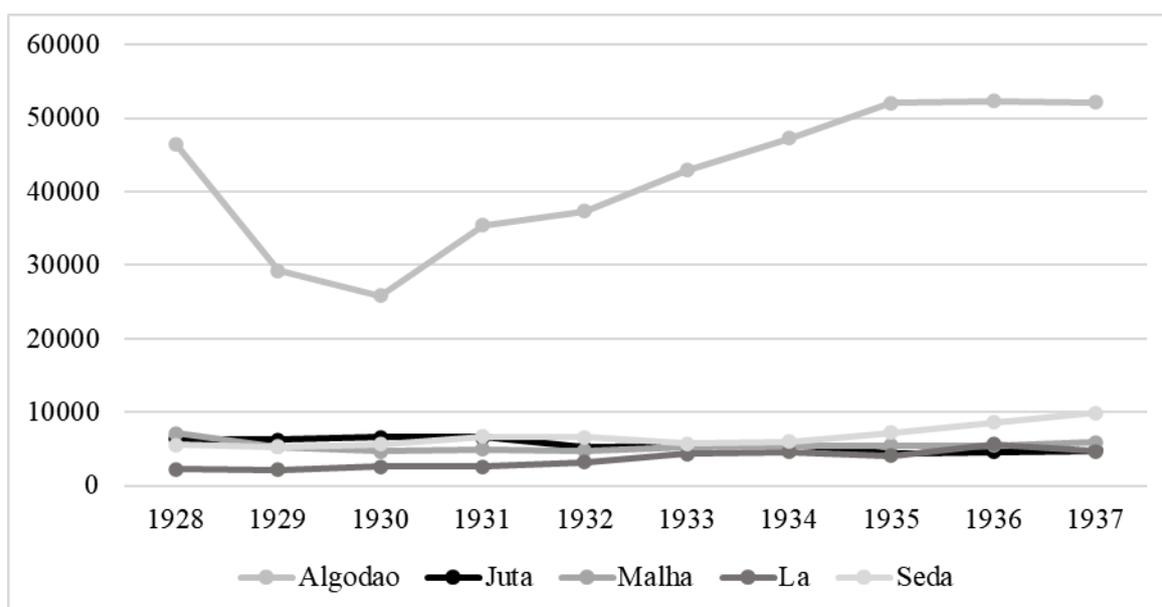
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Gráfico 17. Comparação do número de fábricas de ambos os setores



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Gráfico 18. Comparação do número de operários de ambos os setores



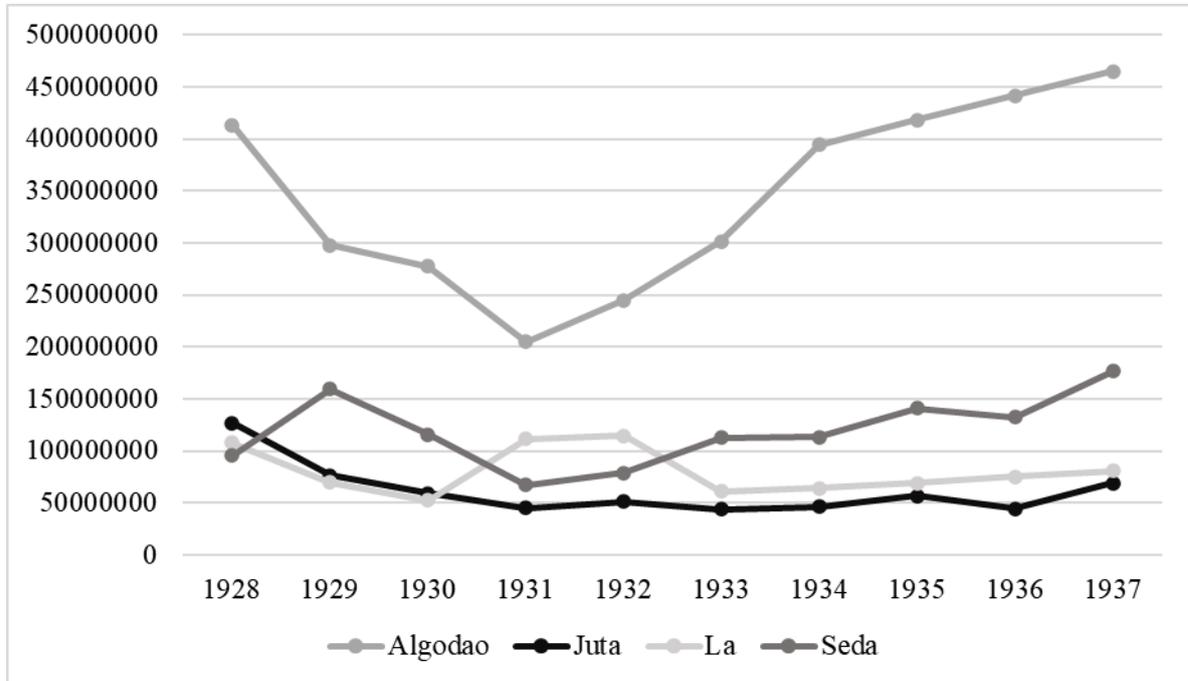
Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937



REVISTA CIENTÍFICA SOL21
STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
 Renan Magera Conceição

Gráfico 19. Comparação do valor da produção de ambos os setores



Fonte: Estatística industrial do estado de São Paulo, 1928-1937

Tabela 10. Indústria Têxtil Paulista- Índices de crescimento por ramo (1928-1933)

	1928	1929	1930	1931	1932	1933
Algodão						
Estabelecimentos	100,0	136,6	145,1	137,8	136,6	139,0
Capital	100,0	119,8	90,1	85,1	80,0	89,1
Capital – D	100,0	113,6	104,5	108,1	104,4	118,7
Operários	100,0	63,2	55,8	76,5	80,6	92,6
Força Motriz	100,0	114,8	107,0	113,2	109,2	113,6
Valor Produção	100,0	72,1	67,2	49,6	59,3	72,9
Valor Produção –D	100,0	68,4	77,9	63,0	77,3	97,2
Juta						
Estabelecimentos	100,0	140,0	180,0	200,0	220,0	220,0
Capital	100,0	119,8	89,5	86,5	85,2	165,1
Capital – D	100,0	113,6	103,8	109,9	111,0	220,1
Operários	100,0	98,1	103,6	103,8	81,7	85,9
Força Motriz	100,0	109,9	112,7	119,9	118,3	119,3
Valor Produção	100,0	60,3	46,7	35,6	40,6	34,5
Valor Produção- D	100,0	57,2	54,2	45,2	53,0	46,0
Malha						
Estabelecimentos	100,0	132,5	121,1	130,7	116,7	114,0
Capital	100,0	110,1	95,1	70,2	66,5	94,5
Capital – D	100,0	104,4	110,2	89,1	86,7	126,0
Operários	100,0	73,8	65,0	69,2	66,4	74,1
Força Motriz	100,0	96,8	72,2	89,3	52,9	57,7
	1928	1929	1930	1931	1932	1933

Tabela 11. Indústria Têxtil Paulista- Índices de crescimento por ramo (1928-1933)

	1928	1929	1930	1931	1932	1933
Lã						
Estabelecimentos	100,0	95,2	100,0	100,0	95,2	85,7
Capital	100,0	145,7	130,3	149,1	126,6	131,6
Capital – D	100,0	138,2	151,1	189,4	165,1	175,4
Operários	100,0	96,4	112,3	115,1	141,1	189,7
Força Motriz	100,0	144,5	122,2	130,7	131,1	151,6
Valor Produção	100,0	64,8	48,6	103,2	106,0	56,8
Valor Produção-D	100,0	61,4	56,4	131,1	138,2	75,8
Seda (Nat. e Art.)						
Estabelecimentos	100,0	157,1	150,0	150,0	176,2	250,0
Capital	100,0	150,0	136,5	141,0	153,8	154,3
Capital – D	100,0	142,3	158,4	179,1	200,6	205,7
Operários	100,0	94,6	101,9	119,1	117,9	137,9
Força Motriz	100,0	140,6	129,2	156,0	158,2	207,9
Valor Produção	100,0	166,1	120,6	70,6	82,4	145,7
Valor Produção	100,0	157,4	139,9	89,6	107,5	194,2



REVISTA CIENTÍFICA SOL21 STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

5. CONSIDERAÇÕES

A Crise de 1929 atingiu o setor têxtil paulista de maneira desigual, atingindo mais fortemente aqueles setores que estavam diretamente ligados à produção de sacaria voltada para produtos primários.

Outros subsetores, como o da seda, não foram atingidos negativamente pela crise, sendo beneficiados pela política de substituição de importações; estes setores expandiram rapidamente as suas atividades, satisfazendo a demanda interna que antes era suprida pelo produto estrangeiro.

A indústria algodoeira nos períodos anteriores à crise representava uma grande parcela do capital investido no setor têxtil, possuindo uma produção bem mais elevada do que a dos demais subsetores, dessa forma, com a chegada da crise o setor ressentiu, gerando desemprego na ordem de mais de 35%, em 1929, e uma diminuição na produção que apenas seria revertida ao longo da década de 1930, com estímulos governamentais e desvalorização da taxa de câmbio.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcelo de P. et al. (Ed.). A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. Ed. Campus, 1989.
- CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. São Paulo, TA, 1975.
- FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930: historiografia e história. Editora Brasiliense, 1972.
- FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Editora Nacional, 1968.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. **São Paulo: Companhia das Letras**, v. 2, 1995.
- JÚNIOR, Caio Prado. Formação do Brasil contemporâneo. Editora Brasiliense, 1945.
- LOUREIRO, Felipe Pereira. Nos fios de uma trama esquecida: a indústria têxtil paulista nas décadas pós-depressão (1929-1950). 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- VILLELA, Annibal V.; SUZIGAN, Wilson. Política do governo e crescimento da economia brasileira, 1889-1945. IPEA/INPES, 1975.
- MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, nº 50, p. 83-101, 1976.
- MARSON, M. D. Mudança Tecnológica na indústria de bens de capital no estado de São Paulo, 1928-1937. 2007. Tese de Doutorado. dissertação de mestrado, Campinas: Unicamp.
- MATHIAS, Herculano Gomes. Algodão no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.



REVISTA CIENTÍFICA SOL21
STANDARD OPEN LITERATURE - ISSN 3086-089X

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM SÃO PAULO, 1928-1937 – FRENTE À CRISE MUNDIAL DE 1929
Renan Magera Conceição

SIMONSEN, Roberto Cochrane. A Evolução Industrial do Brasil. São Paulo, 1939.

STEIN, Stanley J. Origens. evolução da indústria têxtil no Brasil–1850/1950. Rio de Janeiro: Ed. 1979.

VERSIANI, Flávio Rabelo; VERSIANI, Maria Teresa RO. A industrialização brasileira antes de 1930: uma contribuição. Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia, 1974.